

# MARÉ VIVA

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS

SEMANÁRIO

ANO I — N.º 5 — PREÇO 3\$50 — 23/7/76

(Avençado)

## TRANSPORTES URBANOS

### QUEM LHES PEGA?

«Considerando:

— que a cidade de Espinho dispõe de um perímetro urbano já muito extenso;

— que se impõe assegurar à população transportes públicos rápidos e eficientes que lhe permitam o rápido acesso a toda a área da cidade;

— que no Verão esse problema se põe com maior acuidade pelo acréscimo da população flutuante de veraneantes que procuram a nossa praia,

proponho:

— que se solicite à Direcção-Geral de Transportes Terrestres autorização para a criação de um transporte colectivo de passageiros dentro da área urbana da cidade».

O que acima se transcreve foi deliberado numa reunião da Câmara Municipal, há mais de dois anos. Mas transportes é que ainda não apareceram. Que se passou desde então?

★

Em Março de 1974 iniciou-se o processo conducente à criação dos transportes urbanos em Espinho, aspiração da cidade que se vinha fazendo sentir cada vez mais intensamente com o aumento da população. A C. A. da Câmara, desde que tomou posse não descurou o assunto, e nos princípios de 1975 seguiu para a Direcção-Geral dos Transportes Terrestres a documentação necessária para a abertura do concurso público, com o respectivo plano de encargos. As tarifas previstas variam entre 1\$50 e 3\$50, e as paragens serão em Largo da Graciosa, Bairro, Silvaldinho, Santa Cruz, Tourada, Cemitério, Escola Técnica, Rua 33 e Liceu.

A resposta de Lisboa tardava, mas as insistências da Câmara tiveram êxito e a aprovação para o concurso veio. Dias depois, em Novembro de 75, foram tornados públicos os editais. Nenhuma empresa de transportes de passageiros se mostrou interessada. Porquê? É a esta pergunta que procuramos responder a seguir.

★

Pretendendo-se com este artigo apresentar aos nossos leitores a situação actual face aos esforços feitos para se conseguirem os transportes urbanos, impunha-se ouvirmos, por um lado as empresas concessionárias existentes na região, e, por outro, os mais directamente interessados, isto é, as diferentes camadas da população.

Ver página 5

## MARÉ VIVA à Quarta-feira

Informamos os nossos leitores e assinantes que irá haver alteração no dia de saída de «Maré Viva». De facto, são várias as razões, principalmente a necessidade de melhorar a distribuição do jornal na região e garantir a entrada de original dos vários grupos de trabalho, que nos levam a deixar de publicar à sexta-feira, para o passarmos a fazer à quarta-feira. Estamos certos de que esta medida resultará em benefício geral de leitores e assinantes.

Portanto, e já a partir do próximo número, receberá o seu jornal, ou encontrá-lo-à nos quiosques à quarta-feira. Daqui chamamos a atenção dos amigos que nos ajudam na distribuição, para que estejam atentos a esta alteração.

## A CRIANÇA E AS FÉRIAS

Página 8

## TUNA MUSICAL DE ANTA



Colectividade fundada em 1924, desenvolve uma actividade sem paralelo em todo o concelho. Dela fizeram parte nomes com prestígio a nível nacional no campo da música — o maestro Rocha Oliveira e mestre Capela renomado construtor de instrumentos de cordas.

Tem actualmente cerca de setecentos sócios que pagam uma quota mensal de 7\$50. Até 1968, teve apenas 100 sócios com a quota de 2\$50 por mês.

A sua actividade desenvolve-se sobretudo no campo da música: desenvolvimento da cultura musical — actualmente tem a seu cargo 60 aprendizes; realização de concertos; participação musical em serviços religiosos. Ultimamente retomou uma actividade

que tivera em tempos idos, mas de que há muito andava afastada — o teatro. Montou, no ano passado, um espectáculo com a peça «Matei o meu filho» levada à cena no Salão Paroquial. Actualmente tem em preparação um outro com a peça «Quem matou?».

O principal objectivo imediato desta colectividade é ver concretizado um sonho de muitos anos: a sua sede.

As obras arrancaram, há dois anos, com duzentos contos — produto de 50 anos de trabalho. Actualmente, as instalações existentes (cerca de metade do projectado) valem para cima de mil contos.

(Conclui na pág.º 3)

## LOUROSA

### A greve

## dos corticeiros

Página do trabalho



# NO TI CI AS

## FESTIVAL AMADOR DE CANTO LIVRE

As sessões de Canto Livre surgiram com o 25 de Abril, aproveitando a abertura geral a todas as actividades culturais depois dessa data. Em muitos convívios e festas de juventude de cariz mais político ou mais popular, a canção de intervenção tem tido papel relevante.

Tanto assim que a U.J.C. decidiu promover um Festival Amador de Canto Livre, cuja final, no distrito de Aveiro, teve lugar no último sábado, no Salão Nobre da Piscina de Espinho. Várias centenas de pessoas entre as quais predominavam os jovens, trabalhadores e estudantes, participaram com interesse na sessão. E participaram activamente votando na sua canção favorita, entre as sete que chegaram à final. Da soma total de votos, resultou que a canção vencedora foi «Reforma Agrária», interpretada por Pinto de Oliveira que também recolheu o segundo prémio com a canção «Unidade contra a Reacção». As letras destas duas canções são de autoria do jovem Antero Monteiro, sócio da Cooperativa NASCENTE e colaborador de «Maré Viva». O júri concedeu ainda um voto de qualidade à canção «O Chile vencerá», de Manuel Reis.

De salientar ainda a presença de alguns cantores conhecidos da nova canção, como Adriano Correia de Oliveira, Luís Viegas, Sérgio, Fausto e Aristides. Embora com uma participação que nos pareceu um tanto displicente muito contribuíram para o bem ambiente da sessão, que resultou afinal um encontro de juventude, apertado como entendeu por bem salientar o apresentador. Que com sessões destas e outras a canção portuguesa de empenhamento se desenvolva em qualidade e em poder mobilizador.

## O «PÁSSARO» DENTRO DAS PORTAS

Na passada noite de 12 para 13, o proprietário José Caetano Pinto, de 49 anos de idade, morador em Paramos, viu «voar» do seu cofre caseiro a quantia de dois mil escudos.

Pondo-se em pista, suspeitou de um rapaz de 16 anos que criou desde pequeno e a quem, agora, pagava alguma coisa pelas suas lides de campesinato depois do emprego — trata-se de um soldador. Apresentou queixa na G.N.R. de Espinho, dando conta das referidas suspeitas.

Posta em acção, a G.N.R. veio a descobrir que o suspeito era o «homem da luva» e que havia mais quatro rapazes da mesma idade implicados, os quais, ajudavam o nosso jovem a gastar escudos furtados.

Grandes farras, não? Pois descobriu também, não ser a primeira vez que lá ia buscar dinheiro sem ordem. A G.N.R. enviou o processo para o tribunal da Comarca de Espinho.

## PROLONGAMENTO DA RUA 19 E ESTRADA 109

Há 10 anos a Câmara de então lançava a ideia: a Rua 19 deveria ser prolongada até ao Picoto. Em Janeiro deste ano a Comissão Administrativa retoma a questão. As entidades oficiais pronunciaram-se em ofício recente: «Em relação à E. N. 326, Espinho-Picoto, o projecto desta ligação vai ser entregue a Gabinete da especialidade no fim deste mês. Vai ser dada ordem a esse Gabinete para que proceda à elaboração do projecto com prioridade e urgência». E embora, ao que parece, não haja dinheiro para a obra avançar ainda

este ano, pelo menos já fica na lista de espera. E que mais um vez se comprove o provérbio: quem espera...

★

Quanto ao prolongamento da 109, de Miramar a Maceda, também não está a dormir nas secretárias. Espera-se que a solução a adoptar seja encontrada até ao fim do próximo mês de maneira que o concurso para a elaboração do projecto possa ser realizado ainda este ano.

## ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTOS

Qualquer cidade hoje em dia se defronta com problemas no capítulo da eliminação de lixos e resíduos dos esgotos. Também em Espinho isso se começa a fazer sentir, até porque os esgotos, por exemplo, transportam para o mar toda uma série de detritos que sujam um litoral que entre nós é factor de turismo muito importante. A Comissão Administrativa da Câmara está atenta e desde Novembro de 1974 tem tentado ver o assunto resolvido. Para isso fez um contrato com pessoa especializada

na resolução de problemas de tratamentos de resíduos de esgotos e o estudo feito foi enviado às entidades competentes, indicando um orçamento da ordem dos 14.700 contos.

A Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos já respondeu, enviando as suas atas, e tudo parece encaminhar-se para que em pouco tempo Espinho passe a dispor de uma estação de tratamento de todos os esgotos que desembocam no mar.

## PAVIMENTAÇÃO DE ESTRADAS

Encontram-se já adjudicadas, devendo começar dentro de pouco tempo, as obras para a pavimentação da estrada de Silvalde ao Aero-Clube, que serve uma nova e importante zona de praias. Também

as ruas dos populares bairros de S. Pedro e da Marinha irão passar por melhoramentos de pavimentação que beneficiarão populações que ainda muito têm a esperar.

## A MESA DE VOTO FAZ SUGESTÕES

A mesa de voto da secção n.º 9 da freguesia de Espinho, decidiu, em reunião efectuada no final dos trabalhos daquela secção na eleição do Presidente da República, em que participaram os delegados das candidaturas, analisar o modo como se tem processado o acto da votação ao longo das várias eleições em que têm participado.

Após várias considerações foram assentes alguns pontos de que decidiram fazer alvitre para quem competente.

Desses alvitres destacamos:

- 1) redução do horário destinado à votação;
- 2) simplificação do sistema de contagem final, levando em conta que é sempre o número de votos entrados na urna que prevalece;
- 3) que se providencie no sentido de pagar ou evitar despesas de envio de documentação, a pessoas que, bem vistas as coisas, já muito fazem em perder um dia num cargo que exercem gratuitamente.

## MISERICÓRDIA DE ESPINHO HOMENAGEIA ANTENOR FERREIRA DA COSTA E DR. MANUEL GOMES DE ALMEIDA

Promovida por decisão da última Assembleia Geral dos Irmãos da Misericórdia de Espinho, realiza-se no próximo dia 24, pelas 17 horas, no hospital uma homenagem aos elementos daquela instituição Antenor Ferreira da Costa e Dr. Manuel Gomes de Almeida. Do acto constará o descerramento de duas lápides,

atribuindo uma o nome de Antenor Ferreira da Costa a uma enfermaria, e outra o nome de Manuel Gomes de Almeida ao Bloco Operatório.

Na sexta-feira, dia 23, às 20,30 será ainda realizado no Salão Nobre do Nosso Café, um jantar de homenagem a Antenor Ferreira da Costa ao qual será conferido o título de Irmão Benemérito.

## PASSAGEM DE NÍVEL COM GUARDA

Duas passagens de nível sem guarda, dois lugares de perigo constante, que parece ir desaparecer. De facto, a intervenção pessoal dum alto responsável da C. P., Eng.º Martins Pinheiro, aponta para uma rápida resolução da situação, quer no que se refere à passagem junto ao

Bairro Piscatório, quer quanto à passagem do «Vouguinha», próxima da fábrica Vigorosa. A pressão da Câmara e a chegada do «Maré Viva» devem ter ajudado a decidir. Que o desfecho não tarde e não mais os condutores cheguem junto a essas passagens com o credo na boca.

## FESTIVAL DE INTÉRPRETES — 2.º ELIMINATÓRIA

Realizou-se na sexta-feira, dia 16, a 2.º eliminatória do já noticiado Festival de Intérpretes. Todas as críticas feitas à 1.ª eliminatória sob o ponto de vista musical, são válidas para esta. De novidade tivemos dois fados que se ouviram durante o concurso e o já habitual «show» cigano, com flamenco à mistura, dado no bar, festejando a vitória zíngara de José Mário Maia que se classificou em primeiro lugar. O ní-

vel geral foi superior ao da 1.ª eliminatória.

Eis os 5 apurados que irão juntar-se na final, a disputar amanhã, sábado, 24, aos outros 5 da 1.ª eliminatória.

- 1.º — José Mário Maia
- 2.º — Maria da Conceição
- 3.º — David Carvalho
- 4.º — Moisés Oliveira

## ANTA

### CONVÍVIO PAROQUIAL

Couto de Cucujães foi o local escolhido para os primeiros convívios paroquiais desta freguesia.

No pretérito dia 11 do corrente, realizou-se ali o primeiro convívio infantil. Ao que sabemos, e para além de uma vasta concorrência, tudo decorreu num ambiente de muita ordem, alegria e fraternidade.

É no próximo dia 1 de Agosto o convívio para os adultos. Espera-se que as inscrições, encerradas no dia 20 do corrente, tenham correspondido em número, ao alcance e objectivo destas jornadas de confraternização.

Por tão louvável iniciativa, merecem parabéns os seus autores, mais particularmente o pároco da freguesia, Padre Moura. Hoje, mais do que nunca, se justificam iniciativas que tendam à aproximação e união dos povos, sulcando caminhos em que, e seja por qual for que enveredemos, tenhamos a certeza de que, no percurso, por todos por quantos passarmos e encontrarmos, nos seja concedida uma saudação fraternal.

Se Deus é só um e a Natureza uma só, não há razão que justifique a divisão da humanidade.

Quando acabaremos de nos tornar mutuamente insuportáveis?... quando resolveremos ser mutuamente tolerantes e tornarmo-nos compreensivos?

A. O. e S.

## NOGUEIRA DA REGEDOURA

### CONVÍVIO

Também Nogueira da Regedoura se prepara para o seu Convívio Paroquial iniciativa que tem, nesta localidade, uma já longa tradição. A organização processa-se nos moldes habituais, o local escolhido foi a mata de Maceda e a data será o próximo dia 1 de Agosto. É de esperar uma larga adesão dos nogueirenses a quem se lembra que muito facilitarão a organização se se inscreverem o mais cedo possível.

### O TANQUE DO CARAMULO VAI TER CHAPÉU

O tanque do Caramulo constitui, nesta freguesia de Nogueira, o exemplo real de que, quando resolve arregaçar as mangas, o povo é suficiente para resolver os seus próprios problemas. Agora, que aquela obra está feita, a Junta resolveu por-lhe o acento tónico que ela bem merece. A cobertura vai ser feita. O povo de Caramulo está livre para começar a pensar em novos melhoramentos.

## MARÉ VIVA

### SEM ANÁRIO

Propriedade:  
«NASCENTE» — Cooperativa de Acção Cultural

Redacção — Apartado 43  
ESPINHO

### Director

António A. Santos

Fizeram este número:

Adriano Cardoso — Ana Maria — António Capelo — António Leira — António Santos — Augusto Mota — Dário Capela — Joaquim Quintas — Jorge Catarino — José Carlos Gonçalves — Laura Gaio — Laurinda Cunha — Manuel Lopes — Manuel Loureiro — Márcio Cardoso — Morais Gaio e Vítor Sousa.

### Colaboração especial:

Pina Cabral e Tibério Coelho

Composição e Impressão

Officinas Gráficas

da Casa Num'Alvares — Porto

MARÉ VIVA  
interessa aos trabalhadores



# TUNA MUSICAL DE ANTA CINEMAS

Continuação

Desde que voz amiga me chamou a atenção para «Mataram a Tuna» — poema de Manuel da Fonseca, que constitui um grito de repúdio pela asfixia das colectividades culturais levada, em determinada altura, a cabo pelo regime fascista e de que, em Espinho, o amarfanhar do ex-Cineclubes constitui o mais significativo exemplo — ficou-me por este tipo de instituições um estranho sentimento: quase piegas, quase carinho.

Não foi pois com indiferença, que entrei pela sede da Tuna de Anta adentro com a missão de transmitir aos leitores do «Maré Viva» o que lá se passa.

Logo na entrada, os futuros músicos, em lição de solfejo, deram-me a entender que «instalações» é problema para aqueles lados. Depois, passado o local onde vozes e instrumentos ensaiavam um serviço religioso, no gabinete da direcção, foi-me fácil deduzir pela azáfama, que ali, como em todas as colectividades que conheço, é a carolice de alguns «doentes» que faz as coisas andar para a frente.

Um desses «doentes» — o Sr. Ave-lino Santos — abriu-me os «segredos» da casa para que os trouxesse a estas colunas. Começámos pelo sótão onde me mostrou os barrotos — oferecidos pelos sócios e por eles serrados — que, em breve serão retalhados a fim de ali se conquistar o espaço necessário às lições.

Disse-me como foi contaminado:

— Em 1943, havia a tuna, a tasca e a cama. Escolhi vir para a Tuna.

Todos os que passaram por aqui subiram intelectualmente. Esta casa ensinou-nos muita coisa! A mim, o que aqui aprendi, ajudou-me, até no negócio.

Descemos em seguida ao bar instalado no rés-do-chão, onde alguns sócios mantinham ameno convívio; passámos pelo salão onde jovens se batiam ao ping-pong, e dirigimo-nos às trazeiras, local onde, no futuro, irão surgir a plateia e o palco da sala de espectáculos de que, as outras instalações, são já o «hall». Foi-me dado conta dos sacrifícios e endividamento que, isto e aquilo já construído, custou. Ao mesmo tempo, soube do plano para futura angariação de fundos. Dele fazem parte

espectáculos, bailes, tómbolas, etc. — um arraial minhoto, a realizar ainda neste Verão.

De novo no bar, detivemo-nos em amena conversa a que se juntaram outros elementos da colectividade. A questão dos subsídios avançou sobre todas as outras:

— Em 52 anos de existência recebemos, este ano, o primeiro e único subsídio oficial — 10 contos. O Casino costuma oferecer-nos um subsídio de 26 contos com a condição de darmos 4 concertos. Ora, para termos de recorrer, por vezes, a executantes de fora, e lá se vai o subsídio.

A propósito deste subsídio surge outra questão:

— Parte das pessoas ainda não distingue uma banda, de uma tuna. Uma tuna não ganha nada, as bandas ganham. Aqui, são os próprios executantes que têm de pagar os instrumentos. Por isso, não se compreende porque se dá, às bandas, um subsídio superior ao nosso. Não é admissível!

Parece-me bem que não e aqui fica o reparo. Mas, nem só de dinheiro se vive:

— Deveria existir uma disposição oficial que previsse a vinda de elementos das orquestras sinfónicas (que hoje conseguem viver da música sem que tenham de ensaiar de dia e ir ganhar o resto do salário durante a noite, nas «boites» a estas colectividades, com o fim de ajudar no desenvolvimento dos bons aprendizes que por cá surgem. Nós levamos os alunos até onde nos é possível.

Repare que, mesmo assim, muitos elementos que tocam nas sinfónicas, bandas e orquestras, a nível nacional, foram criados nas tunas.

Falámos, em seguida, de inimigos. De inimigos nem falar é bom. Passe-se à frente, aos amigos:

— Durante anos, fizemos, e continuamos a fazer, parte dos «Amigos da Música», agrupamentos de que faziam parte, para além da nossa, as tunas de Fiães, Perosinho e Grijó. Havia um maestro comum às quatro — Joaquim Teixeira — presentemente sem condições de saúde. Demos concertos em que chegávamos a deslocar para cima de 2.000 pessoas destas localidades. Um,

em Viana do Castelo, chegou a reunir 200 figuras — vozes e instrumentos.

O estado de saúde do ex-maestro fez entrar a coisa em ponto morto. Cada grupo arranhou um director artístico e o intercâmbio cessou. Recentemente, encetamos diligências para promover uma reunião dos quatro grupos na qual esperamos vir a poder formar uma direcção que os superintenda.

A direcção da Tuna de Anta mostrou-me, pelas palavras acima, o quanto está consciente da importância do intercâmbio entre colectividades afins e não só:

— Nós temos estado muito fechados entre nós. Hoje, temos condições para procurar um intercâmbio com outras colectividades. À medida que se forem suprindo as nossas limitações, isso será mais possível.

A terminar a conversa, falámos nos tempos «da outra senhora», o tempo em que matavam as tunas:

— Houve um período crítico. Numa situação como a que existia (note que somos avessos à política), havia aqui uma corrente apostada em derrotar o grupo. Quiseram levantar-nos a fama de «revolucionários», ameaçaram de nos fechar a porta. Ora, nós lutamos pelo bem da música, no resto somos apolíticos.

Todos os grupos que, nessa altura, procuravam um pouco de cultura não eram, em nada, favorecidos.

Terminou assim a conversa. Para além do que no curso dela ou na ficha anexa, está referido, um apelo há a que gostaríamos que os leitores do «Maré Viva» dessem uma atenção especial:

A Tuna de Anta precisa de um piano. Se tiver ou souber quem tenha um, em boas condições, de que não precise, pense ou faça pensar numa cedência temporária ou definitiva àquela colectividade que dele fará o melhor uso.

A mim, desta visita, ficou-me ideia — menos poesia e mais prosa de que estive junto de um grupo cuja actividade interessa à região e, como tal, merece ser apoiado nas suas iniciativas. Sobre pequenas incompreensões que inevitavelmente surgem, lembro que o tempo das divisões já passou. Agora é necessário ultrapassar incompreensões e resolver as coisas em unidade.

## S. PEDRO

DIA 23 — SEXTA-FEIRA — **TERROR DE DRÁCULA** — Maiores de 18 anos.

Poucos filmes de terror valem o tempo que se perde a vê-los, mas se é daqueles que aprecia o género e como ultimamente não tem havido grande fartura, aproveite.

DIA 24 — SABADO — **CORBARI, O REVOLUCIONÁRIO** — Maiores de 13 anos.

Revolucionários, ao que se ouve, há muitos. Corbari é um nome tão bom como outro qualquer. E a revolução que defende, em nome de que é feita? Eis a questão. Arrisque e saberá.

DIA 25 — DOMINGO — **O LADRÃO DE PARIS** — Maiores de 18 anos.

Tendo em atenção o realizador, Louis Malle, e até a interpretação, Jean Paul Belmondo, arriscamos uma ida ao cinema.

DIA 27 — TERÇA-FEIRA — **ERAM TODOS FILHOS DA MÃE** — Maiores de 13 anos.

Há quem morra por comédias, sejam elas boas ou más, desde que façam rir, o resto pouco importa, mesmo que por vezes o façam à custa da nossa própria estupidéz.

DIA 28 — QUARTA-FEIRA — **O BATER DE DOIS CORAÇÕES** — Maiores de 18 anos.

Pela amostra temos história delicioso.

DIA 29 — QUINTA-FEIRA — **FOGO NOS LÁBIOS** — Maiores de 18 anos.

O fogo passará dos lábios a todo o corpo. Tenha cuidado, não vá ter necessidade dos bombeiros. Até, talvez se lhe pegue o fogo no rabo e tenha de fugir de «coisas» deste tipo...

## CASINO

DIA 23 — SEXTA-FEIRA — **A FÚRIA DO DRAGÃO** — Maiores de 18 anos.

Valerá este filme dois dias de exibição?

DIAS 24 E 25 — SABADO E DOMINGO — **OS SEIOS DE GELO** — Maiores de 18 anos.

Gelar por gelar, é preferível fazê-lo sem ser no cinema. Dos seios ao gelo, é capaz de se ir todo um fim-de-semana. Dois dias para se nos gelar o corpo e perder dinheiro. Não perca tempo com «programas» destes.

DIA 26 — SEGUNDA-FEIRA — **ZORRO CAVALEIRO DA JUSTIÇA** — Maiores de 6 anos.

Mais um filme para todos, que vem provar, mais uma vez a necessidade que há em lutar por um cinema para crianças verdadeiramente feito para elas. Porque isto de zorros, só se for para as ir habituando a um determinado género de filmes muito definido.

DIA 28 — QUARTA-FEIRA — **CLUBE PRIVADO** — Maiores de 18 anos.

Não se meta em coisas privadas.

DIA 29 — QUINTA-FEIRA — **OS MALUCOS VÃO À GUERRA** — Maiores de 6 anos.

Na história do cinema há cómicos muito mais interessantes do que estes «Charlots. No entanto nada o impede de se ir descontrair um bocado.

## PARAMOS

SABADO E DOMINGO — **ADEUS AMIGO**

Quando poderá a população de Paramos assistir a bons programas cinematográficos? Já tem direito a eles.

## FARMÁCIAS

SEXTA — **Farmácia Higiene**  
Rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

SABADO — **Grande Farmácia**  
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

DOMINGO — **Farmácia Teixeira**  
Rua 62 n.º 457 — Telef. 920092

SEGUNDA — **Farmácia Santos**  
Rua 19 n.º 263 — Telef. 920331

TERÇA — **Farmácia Paiva**  
Rua 19 n.º 319 — Telef. 920250

QUARTA — **Farmácia Higiene**  
Rua 19 n.º 393 — Telef. 920320

QUINTA — **Grande Farmácia**  
Rua 19 n.º 46 — Telef. 920352

## PINTO DE MATOS

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218

ESPINHO

## MOREIRA DA COSTA

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º — Telef. 921014

## J. PINHEIRO DE MORAES

CLINICA GERAL

Rua 20 n.º 390 — Telef. 920452

## FOTOCÓPIAS

RANK XEROX

J. OLIVEIRA

Rua 19 n.º 401-1.º — Telef. 920093

## Quiosque Subterrâneo

JORNAIS — REVISTAS — TABACO

À SUA MÃO

Na passagem sob a via férrea

## Modas

## MENDES

Lanifícios

Rua 16 n.º 683  
Telefone 920168

ESPINHO

## MARÉ VIVA

interessa a  
toda a gente



# A GREVE DOS CORTICEIROS

Os operários corticeiros da fábrica de Edmundo Alves Ferreira entraram em greve total no dia 15 do corrente pelas 17 horas da tarde.

Os 190 operários corticeiros, encetaram greve total face ao malogro das conversações que a todo custo vinham mantendo com o patrão — Dr. António Ferreira — conhecido na zona pelos conflitos que cria com os trabalhadores.

Desta vez tudo começou com a suspensão arbitrária de uma trabalhadora delegada sindical, o que originou a resolução, por parte dos trabalhadores, de entrarem em greve de zelo, reduzindo a produção para 50%. Readmitida aquela trabalhadora, ao fim de três dias, decidiram continuar a greve, pelo cumprimento do contrato colectivo de trabalho — havia na fábrica trabalhadores a ganhar abaixo do previsto no contrato em vigor — e ainda pelo melhoramento de algumas condições de trabalho que, de há muito, os traziam descontentes.

No fim do mês de Junho, o patrão, com mais de uma semana de greve, longe de tentar resolver o problema, decidiu unilateralmente processar os salários de acordo com a produção. Os trabalhadores, tirando os mais necessitados, recusaram-se a receber. Iniciaram-se, posteriormente, reuniões no Ministério do Trabalho, de que veio a resultar a aceitação por parte dos trabalhadores, de uma proposta apresentada pelo patrão. Esta consistia fundamentalmente em que o patrão pagaria os salários por completo e entraria em negociações sobre as restantes reivindicações se, por sua vez, os trabalhadores se comprometessem a repor a produção num período de três meses. Note-se que, para que estas negociações decorressem num ambiente de paz, os trabalhadores haviam mesmo suspenso a greve.

Tudo parecia bem encaminhado. Só que, no dia 15, o patrão se nega a cumprir o que ele próprio propusera na véspera e fora aceite. Esta



atitude incompreensível leva os trabalhadores, em que pesava já mês e meio sem salário, a reunir e a tomar a decisão de entrar em greve e deter o patrão nas instalações da fábrica até ele dar uma saída à situação que criara. Esta detenção viria a terminar, na manhã do dia 16, com a comparencia na fábrica de um capitão das FA na presença do qual, o patrão aceitou recomençar as negociações. Ao princípio da tarde, compareceu ali um delegado do Ministério do Trabalho, com o qual se iniciou uma longa reunião em que nada de concreto foi decidido. A solução do conflito transitaria para reuniões a realizar na delegação do M. T. em Aveiro.

Entretanto, bastantes trabalhadores de outras unidades fabris do sector paralisaram as empresas ou deslocaram-se ao local, onde se manifestaram, no fim da tarde do dia 16, em solidariedade com os trabalhadores da «Edmundo». Também de assinalar a solidariedade dos trabalhadores metalúrgicos, manifestada pelo presidente do respectivo Sindicato, que, se necessário, poderia ter assumido formas activas.

Perante tudo isto, o patrão resolveu-se finalmente a rever a sua posição e a aceitar de novo a proposta que, afinal, fora ele próprio a fazer. A greve terminou, assim, com a vitória dos trabalhadores no sábado, dia 17, pela manhã.

«Maré Viva», no local, falou com a Comissão de Luta, formada quando do início da greve de zelo, e com a Comissão Sindical. Ambas trabalham unidas e coesas, unidade e coesão que são qualidades que neste momento parece caracterizarem todos os trabalhadores corticeiros da região e naturalmente ditaram a rápida solução do conflito. A presença do nosso jornal foi acolhida com entusiasmo.

## No «Amadeu da Ferreira» — Não às prepotências

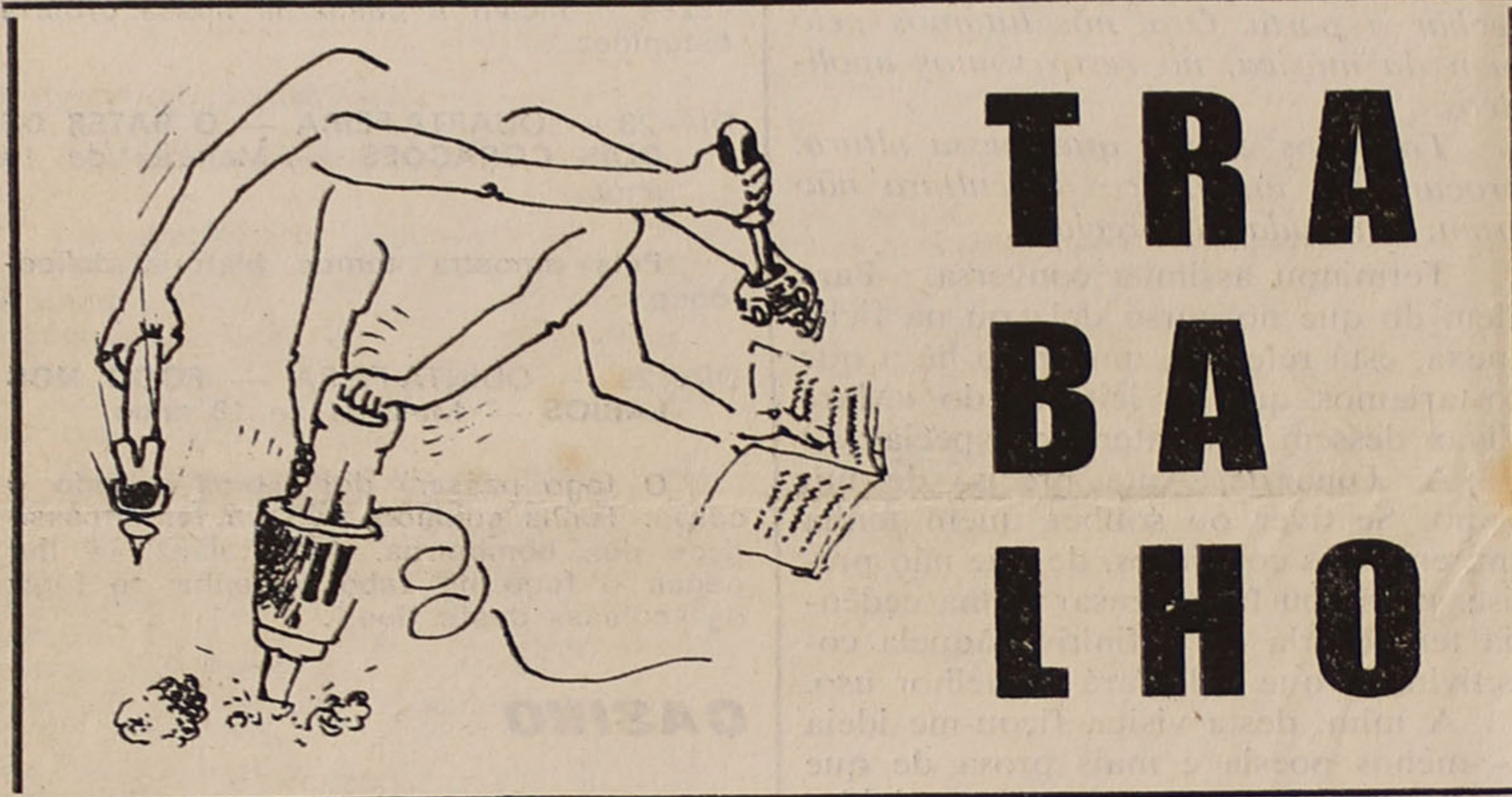
A atitude de castigar José Alves das Neves, tomada por outro trabalhador — que não ocupa cargo que o justifique — não foi bem vista por Franklim Marques Bastos que reclamou, junto do prepotente, contra o castigo. Prepotente por um, prepotente por dois, o tal trabalhador que ninguém na fábrica sabe onde foi arranjar o «poder» decidiu também castigar o Franklim. Tudo isto se passou no passado dia 15.

No dia 16, como o patrão da fábrica não se decidisse a verificar o que se passava, os trabalhadores resolveram alertá-lo para o facto de não estarem dispostos a aceitar prepotências, tomem elas os aspectos que tomarem. Assim decidiram entrar em greve, bloquear o acesso aos escritórios da firma e impedir a saída de mercadorias da fábrica.

Com esta atitude, os operários do «Amadeu» mostram ter consciência de que o castigo arbitrário dos seus camaradas poderia ser o início de «maus tempos» para todos. Esta consciência alarga-se a todos os operários corticeiros que, a exemplo do que aconteceu com a greve na «Edmundo» se mostram solidários com esta luta, a que também manifestaram apoio os Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Sapateiros.

Vários incidentes têm assinalado esta greve. Registe-se a agressão, por parte do patrão e seus familiares, de uma trabalhadora que teve de receber assistência hospitalar. Apesar disto, os trabalhadores mantêm-se calmos pois sabem que o contrário em nada os favorecia.

Em resumo, temos uma Lourosa quente no tempo e «quente» em conflitos cujo significado global ainda é cedo para avaliar. «Maré Viva» continuará presente.



## Os trabalhadores e CONSTITUIÇÃO (2)

### ARTIGO 56.º

#### (Direitos das comissões de trabalhadores)

Constituem direitos das comissões de trabalhadores:

- a) Receber todas as informações necessárias ao exercício da sua actividade;
- b) Exercer o controlo de gestão nas empresas;
- c) Intervir na reorganização das unidades produtivas;
- d) Participar na elaboração da legislação do trabalho e dos planos económico-sociais que contemplem o respectivo sector.

### ARTIGO 57.º

#### (Liberdade Sindical)

1. É reconhecida aos trabalhadores a liberdade sindical, condição e garantia da construção da sua unidade para defesa dos seus direitos e interesses.

2. No exercício da liberdade sindical é garantido aos trabalhadores, sem qualquer discriminação, designadamente:

- a) A liberdade de constituição de associações sindicais a todos os níveis;
- b) A liberdade de inscrição, não podendo nenhum trabalhador ser

obrigado a pagar quotização para Sindicato em que não esteja inscrito;

- c) A liberdade de organização e regulamentação interna das associações sindicais;
- d) O direito de exercício de actividade sindical na empresa.

3. As associações sindicais devem reger-se pelos princípios da organização e da gestão democráticas, baseados na eleição periódica e por escrutínio secreto dos órgãos dirigentes, sem sujeição a qualquer autorização ou homologação, e assentes na participação activa dos trabalhadores em todos os aspectos da actividade sindical.

4. As associações sindicais são independentes do patronato, do Estado, das confissões religiosas, dos partidos e outras associações políticas, devendo a lei estabelecer as garantias adequadas dessa independência, fundamento da unidade das classes trabalhadoras.

5. A fim de assegurar a unidade e o diálogo das diversas correntes sindicais eventualmente existentes, é garantido aos trabalhadores o exercício do direito de tendência dentro dos sindicatos, nos casos e nas formas em que tal direito for estatutariamente estabelecido.

6. As associações sindicais têm o direito de estabelecer relações ou filiarem-se em organizações sindicais internacionais.

(Continua na pág. 7)

# Metalúrgica Teixeira da Silva

## TRÊS DIAS DE GREVE

Durou apenas três dias a greve dos operários da Metalúrgica Teixeira da Silva. O conflito teve como origem remota, a recusa do patrão em pagar o dia 16 de Junho — Feriado Municipal — melhor será dizer: a pretensão de que se trabalhasse nesse dia.

Na sequência da reacção muito natural dos trabalhadores — comemorar o dia em que Espinho se tornou cidade — vieram peripécias várias de que acabou por resultar o castigo de um

trabalhador. Quando um gerente da firma tentou transformar o castigo que fora cumprido disciplinadamente, em despedimento, os trabalhadores sentiram-se na obrigação de «fazer alto», e entraram em greve. Estava-se no dia 12 de Julho.

Depois de reuniões com os delegados sindicais, o patrão resolveu desistir do despedimento e pagar os dias de greve, repondo os trabalhadores a produção de dois dias. No próximo número deremos mais pormenores.



# TRANSPORTES URBANOS

(CONTINUAÇÃO)

## AUTO-VIAÇÃO FEIRENSE

Começámos por contactar um gerente da Feirense, que aceitou a transmitir-nos a sua opinião pessoal acerca do assunto:

— Efectivamente, fomos contactados pela Câmara. Recebemos um programa do concurso que foi devidamente estudado, e esse estudo ditou a nossa decisão negativa.

Não nos mostrámos interessados porque os termos do concurso deixavam o concessionário numa insegurança total, em virtude de, logo à partida, ter de entregar à Câmara uma parte da receita bruta. Ora isto não podia ser, tanto mais que era um serviço que se ia criar de novo, tornando-se muito difícil calcular receitas e saber se se podia arriscar. Sobre um serviço que se vai iniciar é sempre difícil fazer um orçamento. Nestes casos deviam dar-se aos concessionários umas certas facilidades ou garantias. É de notar que, se tomássemos conta do serviço, teríamos de contar com uma despesa inicial elevadíssima; teríamos que montar um escritório, destacar pessoal, comprar novos autocarros, enfim, toda uma série de despesas que, olhando à contrapartida, não seria fácil amortizar.

Entretanto, posto por nós perante a possibilidade de uma qualquer solução, o nosso entrevistado adiantou:

— Bem, sou de opinião que, se houver da parte da Câmara uma revisão do programa, isso merecerá do nosso lado um novo estudo. Mas seria muito mais proveitoso que a Câmara entrasse em contacto directo com as empresas e discutisse com elas as condições, de modo que os principais interessados (o público) pudessem talvez ter transportes urbanos em Espinho a curto prazo.

## U. T. CARVALHOS

Por seu lado, o senhor Manuel Lima, da empresa dos Carvalhos salientou:

— A nossa empresa não se interessou pelos transportes urbanos em Espinho por uma razão muito simples: não viamos qualquer viabilidade para um contrato destes. Não se justifica economicamente, não é rentável, dá prejuízo. É que, como é lógico, os transportes urbanos não interessam se não há movimento. Ora o que acontece é que nas horas de ponta há muita gente, o que obriga a um grande investimento de carros e pessoal, mas é um investimento sem compensação, pois durante o resto do dia não há movimento suficiente. Assim é claro que não interessa.

Interrogado por nós sobre um novo exame do caso se houvesse alteração da proposta, o representante da U. T. Carvalhos não se mostrou muito entusiasmado com a ideia:

— Eu, de momento, nem sei bem ao certo quais as condições da proposta. Mas mesmo que estas se alterassem a posição da nossa empresa continuaria a mesma: é um negócio em que não nos podemos meter, pois só nos daria prejuízo. De resto, os transportes estão a passar por um momento muito difícil. Ou o Estado toma conta disto, ou não sei como será.

## AUTO-VIAÇÃO GRIJÓ

A posição desta empresa não se distingue, fundamentalmente, de todas as que ouvimos. De facto, também em Grijó se pensa que a criação de uma rede de transportes urbanos em Espinho não é questão de muito fácil solução. No caso desta empresa, as dificuldades de responderem ao concurso ainda se tornam maiores porque não dispõe do material circulante necessário, o que exigiria um grande empenho de capital, logo de início. Assim sendo, o possível negócio aparece como nada aliciente aos responsáveis pela Auto-Viação de Grijó. Tanto mais que, conforme fizeram questão de afirmar, não gostariam de se comprometer com o público e não o poderem servir, afinal, satisfatoriamente.

Enfim, não é em Grijó que, pelos vistos, reside a solução para este problema dos transportes urbanos. Será em Espinho? Vejamos a posição da Auto-Viação de Espinho:

## AUTO-VIAÇÃO DE ESPINHO

Sobre a questão qual o motivo para o desinteresse em explorar os transportes urbanos em Espinho, ouvimos a opinião pessoal do gerente Snr. Manuel Costa:

— A criação de transportes urbanos requer estruturas que Espinho não tem como sejam as quatro horas de ponta (aqui há quando muito duas), um centro da cidade que atraia movimento, uma dimensão territorial acentuada. Espinho é uma cidade movida mais pela indústria que pelo comércio e o seu anel urbano é muito curto. As pessoas que trabalham nas fábricas, por outro lado, não vivem em Espinho, mas nos arredores e não precisam de passar no centro.

Além disto temos os encargos sociais, salariais, combustível e outros que estão cada vez mais caros; o que além do mais conduziria à impossibilidade de se praticarem preços acessíveis.

Tendo sido por nós apontadas como perspectivas para soluções, por um lado o aproveitamento dos carros que em certos dias permanecem horas parados à espera de recomeçarem o trabalho, e por outro a impossibilidade das carreiras inter-urbanas poderem, antes de regressar à garagem de recolha, dar uma volta pelo perímetro da cidade, efectuando diversas paragens, respondeu-nos o nosso interlocutor:

— Seria necessário que as empresas revissem os seus esquemas de serviço de molde a que nas horas em que as carreiras não tenha horários oficiais para o seu serviço específico, fossem agrupar outros horários para satisfazer as necessidades sem, no entanto, serem obrigados a acabar ou reiniciar o seu trabalho no local «terminus» da carreira. É preciso acabar com o hábito das empresas repararem só no movimento entre os «terminus» e esquecerem as possíveis ligações entre dois pontos intermédios. Quanto à segunda sugestão, isso só seria possível se as carreiras que vêm a Espinho tivessem uma procura mais activa. Aqui em Espinho verifica-se um afluxo de pessoas que vêm cá para tratar de negócios breves e que dispõem normalmente de deslocamentos significativos, não se verificando assim um movimento constante nem nos centros nevrálgicos da cidade.

Assim e em conclusão, parece-me que em Espinho as empresas podem rever os seus serviços de molde a ajudar a diminuir o problema, mas, por falta de condições, a cidade não pode manter um sistema de transportes urbanos.

Também pode ser verdade que o desinteresse das empresas transportadoras seja motivado principalmente pelo carácter do caderno de encargos apresentado pela Câmara.

## E AGORA?

Conhecidas já as opiniões, quer do público utente, quer das empresas concessionárias, impõe-se uma conclusão, mais ou menos lógica, de todo este processo.

Vê-se que por parte das empresas existe um desinteresse manifesto pelos transportes urbanos de Espinho. Alegando, por um lado um fraco movimento de possíveis utentes, mesmo nas horas de ponta, e por outro lado um perímetro citadino que por pequeno, injustificaria os transportes urbanos, não se mostram atraídas.

No entanto, a realidade é clara, e está bem expressa nas opiniões do povo espinhense. Se, já dentro do perímetro estritamente urbano, os transportes parecem ser de uma necessidade efectiva, das freguesias limítrofes para cá, então...

Não pretendemos com esta pequena conclusão apresentar soluções para tão grande problema, mas três factores parecem-nos importantes:

— Urge que as empresas entrem em contacto directo com a Câmara, que analisem o caderno de encargos, que discutam os principais pontos de discórdia, e que encontrem, na medida do possível, um plano de entendimento. Só assim o povo espinhense beneficiará de um transporte público colectivo de natureza privada ou ainda...

Pelos depoimentos que recolhemos junto das empresas não parece que o problema se resolva rapidamente. Mas o que é certo é que há milhares de pessoas que continuam a ser afectadas pela falta de um serviço que é de indiscutível utilidade pública. Num rápido inquérito junto de camadas diferenciadas da população foi-nos fácil concluir das vantagens que todos encontrariam com a criação dos transportes urbanos. Começámos por ouvir uma operária:

— Pois é, os transportes fazem muita falta. Eu trabalho aqui e à hora de almoço tenho que aqui comer, porque não me dá tempo para ir lá ao fundo ao Bairro fazer a comida para mim e para os meus. E para fazer as compras, então nem se fala, porque quando saio daqui tenho que ir numa correria buscar as coisas que precisamos lá em casa. Se houvesse camionetas poupávamos tempo e facilitava-nos a vida.

Eis um rápido retrato da difícil vida duma operária e mãe de família. Os transportes seriam uma ajuda preciosa. Até porque, como nos disse um operário têxtil:

— Era preciso transportes em Espinho e para os arredores mais próximos porque assim ficava muito mais fácil nós irmos para o trabalho. Tenho amigos que vêm de longe e que têm de se levantar de noite para vir para o trabalho. Havia de haver, principalmente às horas de pegar e largar o trabalho e nas horas em que há mais gente a ir e sair das escolas.

As escolas. Muito frequentadas, afastadas do centro, ainda sem ligações para as várias zonas da cidade... a não ser a pé. Fala um estudante:

— Devido à extensão da cidade, existir ou não autocarros é um problema que se põe. No caso dos transportes não existem os problemas das classes mais desfavorecidas agravar-se-ão de dia para dia.

No caso de eles aparecerem existem duas soluções: o existir por existir, e existir para servir. Existir por existir é uma solução cómoda das empresas onde o planeamento não é feito. Existir para servir exige essencialmente um planeamento diferente para cada época do ano e para cada caso.

Durante o tempo de aulas deveriam existir carreiras regulares nas

horas de ponta para o Liceu, de forma a satisfazer as necessidades dos estudantes. No tempo da praia seriam necessários autocarros por volta de uma hora desde a praia até várias zonas não esquecendo o parque de campismo. Durante o ano deveriam existir transportes às horas de abertura e fecho das fábricas.

E os veraneantes, que pensarão da questão?

— Estou cá a passar férias e, por acaso, moro perto do centro, mas acho que devia haver transportes. Nas Caldas da Rainha e em Lagos, cidades pequenas onde já existe, é muito prático: os autocarros que fazem a ligação com as freguesias vizinhas percorrem toda a cidade, com várias paragens, resolvendo-se em grande parte, o problema dos transportes urbanos. De qualquer modo deveria ser uma empresa local a fazer os transportes, pois facilitaria muito mais, já que os transportes só são praticamente necessários nas horas de ponta.

Os comerciantes locais serão talvez das pessoas que mais se aperceberão da importância dos transportes para uma população que já ronda os vinte mil habitantes. Eis a opinião do gerente de um supermercado:

— Quer-me parecer que os transportes só viriam beneficiar a cidade, embora eu pessoalmente não sinta muito a falta. Mas o que não sei é se será um bom negócio para as empresas, porque não me parece que o movimento seja muito durante todo o dia. Uma solução talvez possível era a Câmara organizar transportes municipais ou então alguma empresa nacionalizada ser metida no assunto. De qualquer maneira a população merece um esforço.

Finalmente ouvimos uma dona de casa que nos disse:

— A mim fazia-me muito jeito que houvesse transportes em Espinho, porque como moro quase em Silvalde tenho um problema incrível para me deslocar ao mercado, porque é muito longe. Assim, fico quase sempre em casa e só saio às compras quando me seria impossível passar sem o fazer. Se houvesse camionetas vinha mais vezes a Espinho; no Verão vinha até mais vezes à praia sem ter que me preocupar com o tempo, como tenho que fazer agora, o que faz com que raramente vá à praia.

## Pinturarte

### Armando Alves Ribeiro

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística  
Rua 18 N.º 943 — Telef. 921412 — ESPINHO

Móveis — Espelhos e Molduras  
— em todos os estilos —  
Candeeiros — Louças — Cristais  
— Alcatifas — Electrodomésticos, etc. —

## CASA LUÍSA NOGUEIRA

### João César da Costa

DEPÓSITO DE FRUTAS ★ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO  
Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

— seria de estudar a possível intervenção de uma empresa nacionalizada, já que o conceito de lucro não é o mesmo numa empresa privada e numa nacionalizada, ou ainda...

— urge que a Câmara crie ela própria, se puder, os transportes públicos em Espinho, ou então...

O povo de Espinho permanecerá como até agora privado de um meio de transporte eficiente, rápido e acessível, do qual tem já manifestado, de modos diversos, a sua necessidade.

## Pintura de Automóveis

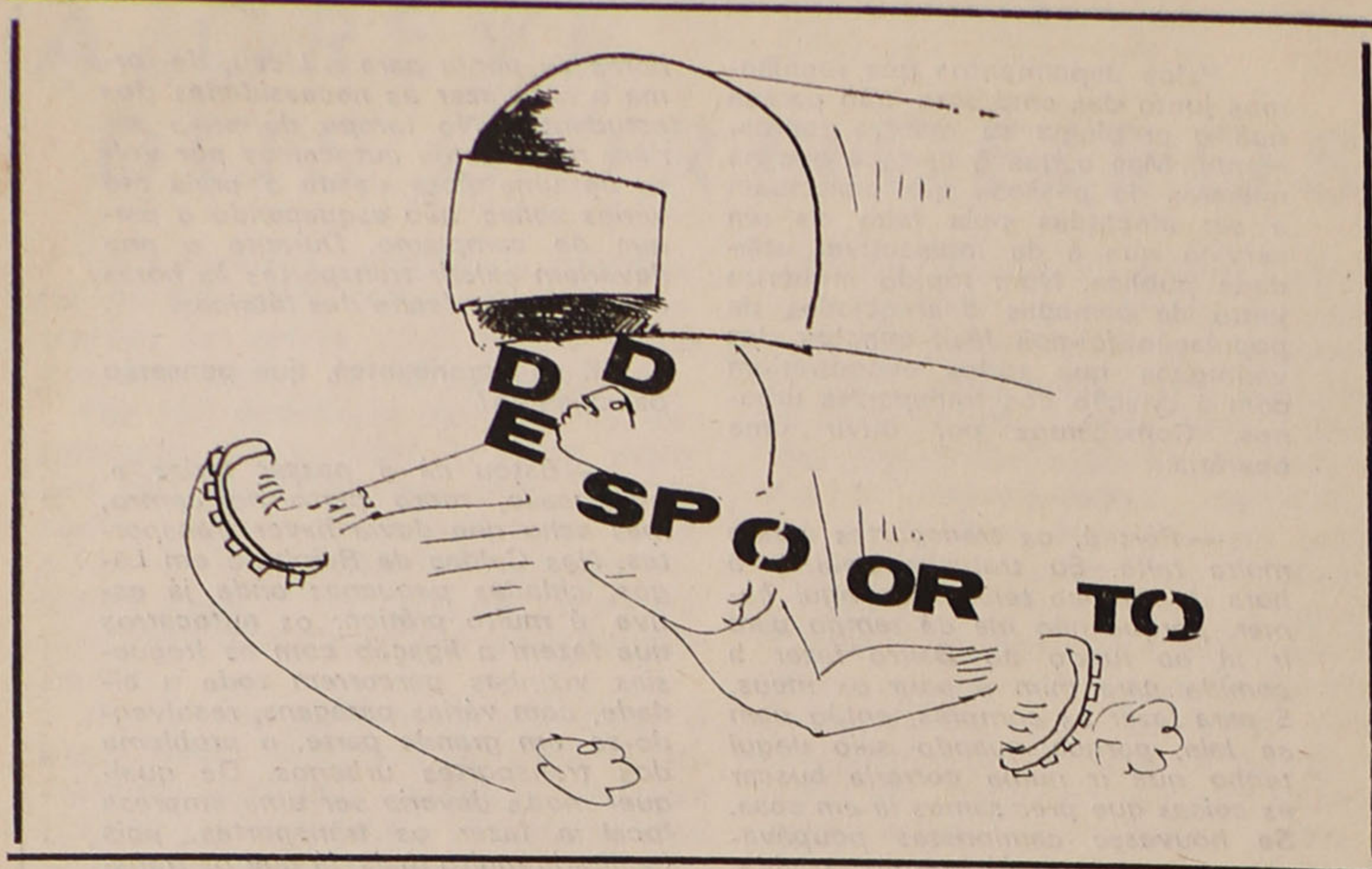
com RAPIDEZ e PERFEIÇÃO

### Alzira Pereira de Azevedo

CARAGENS: ABEL — SOUSA

— S. PEDRO





## Futebol de Salão

Vem sendo normal a realização de torneios de futebol de salão no final de cada época. Perguntar-se-á: que razões levam as colectividades a realizá-los? Naturalmente que elas variarão de terra para terra, de região para região. Cá pelas nossas «bandas» há duas colectividades que se ocupam neste tipo de realizações. Pareceu-nos interessante saber dos objectivos de tais torneios e do que representam no desporto. Para isso contactámos o sr. Luís Caprichoso, atleta de Andebol do Sporting de Espinho e colaborador na organização do torneio de futebol de salão do Clube, que nos disse:

— O Torneio de Futebol de Salão do S. C. E. surge como necessidade imperiosa para o departamento amador do Clube, pois constitui grande parte da receita de que todas as modalidades amadoras têm necessidade para aguentarem toda a época seguinte.

No aspecto organizativo, o torneio adquiriu já uma envergadura tal (40 equipas e mais de 400 atletas em competição este ano) que põe em causa todo o processo que está por trás desta realização, que só continua a ser possível graças à caridade de meia dúzia de pessoas ligadas ao departamento amador (atletas, dirigentes e amigos).

Sobre o aspecto propriamente desportivo, para além do significado de se porem a praticar desporto centenas de pessoas que habitualmente não têm possibilidades de o fazer devido a razões de várias ordens, mas especialmente porque a modalidade em causa só aceita quase exclusivamente «craques», isto é, futuros profissionais.

Existem deficiências, tal como a falta de inspecção clínica a todos os praticantes inscritos que, como facilmente se compreende, ultrapassa a organização e é um exemplo de situações frequentes no desporto no nosso país.

Um factor negativo que se tem vindo a verificar ano após ano é o clima por vezes doentamente competitivo que se cria à volta do torneio e que se alastra rapidamente ao público que, louvavelmente, acontece sempre em grande número mas que, devido às razões apontadas, origina sucessivos incidentes dentro e fora do recinto do jogo, demonstrando que há ainda muito a fazer no sentido de se conseguir um espírito salutar na maneira de encarar a prática e a competição desportiva.

Não queria acabar sem deixar de enviar daqui umas palavras de grande admiração e agradecimento pela colaboração que tem sido prestada pelos «carolas do apito» que, contra todos os aborrecimentos pessoais e a incompreensão de que são alvo, têm vindo a desempenhar uma tarefa sempre difícil e indispensável à concretização destes torneios.

Do que foi dito se depreenderá que estes torneios são usados para compensarem a falta de apoio a que o departamento amador do Sporting Clube de Espinho e todas as modalidades amadoras por todo este país estão votadas.

Creemos ser a altura para actuar e exigir dos responsáveis do Clube um financiamento mínimo compatível com as necessidades do departamento em causa. Para a transformação progressiva do desporto há que eliminar deficiências e seria bom começarmos pelas nossas, isto é, ver com olhos de ver e apoiar de facto para que se possa ter um desporto de todos para todos.

Em relação à outra colectividade (a AAE) que também organiza torneios desta natureza, esperamos em breve recolher as suas razões, pois pensamos que haverá algo a acrescentar, já que o Clube assenta em estruturas diferentes.

à perturbação dos jovens que não são ainda impermeáveis a ambientes escaldantes de «campeonite» desesperada.

Se situações destas são vulgares naquele recinto em encontro entre profissionais, custa a crer que se chegue ao ponto de proceder de igual modo com as classes jovens em formação para uma actividade desportiva salutar.

Mesmo assim, contra tudo e contra todos, a superioridade da A.A.E. chegou para justificar plenamente o resultado, que seria, por certo, mais expressivo em condições normais.

Estão pois de parabéns os campeões regionais que souberam juntar a correcção às suas excelentes aptidões para o hóquei patinado.

Para fechar a época e na última jornada do campeonato as duas equipas da A.A.E. ter-se-ão defrontado na 4.ª-feira (já depois do jornal ser impresso) numa festa bem merecida de consagração.

## Entrevista com Raul

Raul Fernando da Silva e Sousa, de 22 anos de idade, é o valoroso atleta do Sp. de Espinho, que a sua massa associativa conhece pelas magnificas qualidades que demonstrou numa época interrompida a meio por uma arreliadora hepatite. Mas sobre os clubes que já representou e o que poderá ser a próxima época para o Sp. de Espinho diz-nos Raul:

— Comecei nos Juvenis do Grijó, tendo transitado ainda nessa categoria para o F. C. Porto, onde permaneci nos Juniores e uma época como Sénior. Depois fui para o União de Coimbra onde estive duas épocas, e esta é a segunda que vou estar ao serviço do Sp. Espinho.

Das diferentes propostas que teve para a próxima época, porque escolheu o Sp. Espinho?

— Renovei com o Sp. Espinho porque apesar de várias propostas entendi ser meu dever dar prioridade ao Sp. Espinho, uma vez que por motivo de doença não pude dar o contributo devido ao clube e em contrapartida, durante esse tempo em que estive doente, o clube não faltou com a devida assistência. Além disso, eu já me tinha comprometido verbalmente com o futuro presidente, sr. Pinho.

Nestes primeiros contactos, que pensa do novo presidente do Sp. Espinho?

— Eu conheço pessoalmente o sr. Pinho há relativamente pouco tempo, quatro ou cinco meses talvez, e conheço-o como homem e não como dirigente

desportivo. Pois, uma vez que é um homem íntegro, penso que será também um bom presidente.

E do treinador?

— Eu não me julgo à altura de qualificar nenhum treinador. No entanto, como já trabalhei com ele ao serviço do União de Coimbra, posso afirmar que é um profissional honestíssimo. Tenho a certeza de que se lhe derem condições de trabalho será um bom treinador, capaz de realizar um bom trabalho.

O que pensa das «deserções» que houve esta época? E das novas aquisições?

— Creio que grande parte das saídas de jogadores deve-se ao facto de o Sp. Espinho não estar interessado na renovação do contrato. E quanto a isso só posso dizer que se o clube procedeu assim é porque tinha em vista contratar melhores valores, valores esses, que se forem os que são já do conhecimento geral, não deixam dúvidas de que as vagas provocadas pelas saídas ficam preenchidas de maneira a valorizar o plantel do clube.

Terá o Sp. Espinho equipa para se poder candidatar ao 1.º lugar da zona Norte?

— Com o plantel até ao momento conhecido (quero lembrar que os jogadores não-amadores, os tais chamados jogadores da casa, ainda não chegaram a acordo) o Sp. Espinho pode ser considerado como sério candidato à vitória final. Isto seria extraordinário, porque a cidade merece e necessita do Sp. Espinho na 1.ª Divisão.

## SABIA QUE...

Entra amanhã, dia 24 de Julho, em estágio, a Selecção Portuguesa de Halterofilia, que se desloca no próximo dia 31 a Espinho, para disputar o 1.º Torneio Internacional da Costa Verde. No dia 29, deslocam-se do Centro de Estágio da Cruz Quebrada, para o do Porto, onde ficarão instalados com as outras selecções, até ao dia da prova.

Terminou em Esmoriz um curso de Arbitros (indicados pelos Clubes) de Voleibol, organizado pelo Departamento da Arbitragem da Federação Portuguesa de Voleibol. Participaram no mesmo, vários jovens atletas do Sporting Clube de Espinho, assim como outros jovens que se encontram a fazer o serviço cívico.

No próximo mês de Agosto, o Ciclismo vai ser «Rei» em Espinho.

A Volta a Portugal em Miniatura está praticamente com a sua máquina montada, havendo a salientar, que o director da prova deverá ser o conhecido ciclista, Alves Barbosa. Por sua vez a volta dos «Adultos», já tem datas marcadas. Uma chegada (Vila do Conde-Espinho), e uma partida (Espinho-Coimbra) estão assentes, tendo também sido Espinho contemplado com o dia da «folga» da caravana E, segundo informações de última hora, a Associação de Ciclismo de Aveiro, vai levar a efeito nesta cidade, com o patrocínio da Comissão de Festas de Espinho, um circuito, depois da

volta terminar, com a participação dos melhores clubes do Norte.

Realizou-se no passado dia 18, no prédio do Palácio Hotel, o concurso «Lançamento do Balão», tendo o mesmo registado 119 inscrições, e sendo distribuídos cerca de mil balões pelas crianças, com legenda publicitária da cidade de Espinho. O prazo para recepção de postais, será até ao dia 6 de Agosto, estando prevista para o dia seguinte a entrega de prémios aos concorrentes cujos postais sejam devolvidos, assim como haverá o sorteio de uma bicicleta, por todos os concorrentes que se inscreveram neste concurso, organizado pela Comissão de Festas de Espinho.

Além do curso de Treinadores de Voleibol de 4.º grau, realizado no Porto, também está a realizar-se outro do mesmo grau em Esmoriz, com a participação de vários jovens espinhenses, ligados ao Sporting de Espinho e Académica de Espinho.

Desloca-se a Espinho no próximo dia 6 de Agosto, uma caravana de 46 pessoas da Cova da Piedade, constituída na sua maioria, por jovens ciclistas, que vêm participar na Volta a Portugal em Miniatura. De salientar, que apesar de ainda faltarem cerca de 16 dias para a prova, começa já a manifestar-se interesse pela mesma, prevendo a organização que este ano seja batido o recorde de presenças, que está em 280.

## HÓQUEI EM PATINS

### OS «MIÚDOS» SÃO CAMPEÕES!

INFANTIS

Campeonato Regional

A. A. E. (B), 0 — RIO TINTO, 0  
F. C. PORTO, 3 — A. A. E. (A), 6

Com esta vitória a equipa A assegurou a revalidação do título regional, mais uma vez sem ceder sequer um empate.

Pena é que as circunstâncias que rodearam o encontro, que era decisivo, tenham afectado os «miúdos» que, por nervosismo, não terão rendido o que é habitual.

A transferência do jogo para um ringue mais pequeno (quando o principal se encontrava livre) pode mesmo levar a pensar que houve dos responsáveis do Futebol Clube do Porto o propósito de intimidar os jovens jogadores da A.A.E.

O comportamento do próprio público durante o jogo foi inqualificável e ajudou



## Cartório Notarial de Espinho

CERTIFICADO, para efeitos de publicação, que por escritura de 8 de Julho de 1976, lavrada de folhas 40 verso a 42 verso do livro de notas para escrituras diversas D-Número 15 deste cartório, os senhores MANUEL MOREIRA LEITE, casado, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Quatro, 600, JOÃO GUILHERME RESENDE LEITE, casado, residente nesta cidade, na Avenida Oito, 308, primeiro andar, e MANUEL LUIS RESENDE LEITE, solteiro, maior por emancipação plena residente nesta cidade, na dita Rua Quatro, 600 constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

**PRIMEIRO** — A sociedade adopta a firma «MANUEL MOREIRA LEITE & FILHOS, LIMITADA» e tem a sua sede e estabelecimento na Avenida Oito, número 308, cave e rés do chão, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, tendo o seu início no dia 15 do corrente mês de Julho.

**Parágrafo único** — Por simples deliberação da assembleia geral, a sede social poderá ser deslocada dentro da mesma localidade, podendo ainda ser criadas filiais ou sucursais nesta cidade ou em qualquer outro ponto do país.

**SEGUNDO** — O seu objecto é a exploração de um estabelecimento de restaurante, snack-bar, café e similares, podendo no entanto dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitidos por lei após deliberação em assembleia geral dos sócios.

**TERCEIRO** — O capital social integralmente realizado em dinheiro, é de 350.000\$00, e corresponde à soma de três quotas, uma de 200.000\$00 pertencente ao sócio Manuel Moreira Leite, outra de 100.000\$00 pertencente ao sócio João Guilherme Resende Leite e outra de 50.000\$00 pertencente ao sócio Manuel Luis Resende Leite.

**QUARTO** — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

**QUINTO** — A representação da sociedade em juízo ou fora dele será feita por qualquer dos sócios que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com a remuneração que lhes for fixada em assembleia geral.

**Parágrafo primeiro** — Os actos e contratos que, pela sua natureza, envolvam responsabilidade para a sociedade terão de ser sempre firmados pelo sócio Manuel Moreira Leite sendo suficiente a assinatura do mesmo.

**Parágrafo segundo** — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes.

**Parágrafo terceiro** — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em pessoas estranhas à sociedade.

**SEXTO** — É permitida a cessão de quotas a favor de descendentes dos sócios, mas a sociedade reserva-se o direito de amortizar a quota cedida se entender não dever aceitar o beneficiado como sócio, como adiante se indica no parágrafo único do artigo seguinte.

**Parágrafo primeiro** — Se um sócio pretender ceder a sua quota a pessoa estranha não abrangida pelas disposições do artigo sexto, terá de pedir consentimento à sociedade, a qual se reserva o direito de preferência, pagando pelo valor apurado no último balanço dado. Se a sociedade não exercer esse direito de preferência, caberá o mesmo aos sócios em conjunto ou separadamente.

**Parágrafo segundo** — Se nem a sociedade nem os sócios pretenderem a quota cedenda, poderá o sócio que deseja apartar-se da sociedade cedê-la livremente.

**Parágrafo terceiro** — O prazo para exercer o direito de preferência mencionado no parágrafo primeiro deste artigo

## Orfeão da Madalena em Espinho

Integrado nas Festas de Verão haverá hoje, sexta-feira, às 21,30, um espectáculo de música coral, no salão de festas do Casino a cargo do conceituado Orfeão da Madalena. A organização pertence à Comissão de Festas de Espinho. A entrada é livre.

### Movimento Alfa:

## Os estudantes contra o analfabetismo e o obscurantismo

Do Núcleo de Espinho do Movimento ALFA recebemos o seguinte texto, que publicamos na íntegra:

A elevada taxa de analfabetismo existente no nosso país constitui de facto um grande problema nacional.

Existem neste momento em Portugal mais de 2.000.000 analfabetos, vítimas de uma política obscurantista, que durante 48 anos de fascismo impediu às classes desfavorecidas o acesso à instrução e à cultura.

O 25 de Abril veio abrir caminho à resolução deste problema. Foi aprovada uma Constituição que consagra, no essencial, os direitos das classes trabalhadoras, nomeadamente o direito à educação e à cultura.

Compete ao Governo a adopção de medidas que venham a tornar possível a realização de um Plano Nacional de Alfabetização, que venha terminar de vez com o analfabetismo, o obscurantismo e a ignorância, que só às forças reaccionárias efectivamente interessam.

O Movimento ALFA (Brigadas Estudantis de Trabalho e Alfabetização)

não poderá ir além de trinta dias após a comunicação feita pelo sócio cedente.

**SÉTIMO** — Falecendo algum sócio ou for ele interdito, a sociedade não se dissolve. Será admitido o representante legal do interdito e o cabeça de casal da herança ilíquida e indivisa do sócio falecido, enquanto a respectiva quota se mantiver nessa situação.

**Parágrafo único** — Terminada a indivisão da quota, por adjudicação dela a um dos herdeiros, a assembleia geral pronunciar-se-á se deve ou não aceitar esse herdeiro como sócio. Em caso negativo será a quota amortizada pela sociedade com o valor que for apurado no balanço expressamente dado para esse efeito e o pagamento será realizado em doze prestações mensais.

**OITAVO** — Sempre que seja necessário reunir a assembleia geral, serão os sócios convocados por cartas registadas com aviso de recepção a eles dirigidas com a antecedência de dez dias, salvo os casos em que a lei prescreva formalidades especiais de convocação.

**NONO** — A sociedade dissolve-se pela simples vontade de qualquer dos sócios.

**DÉCIMO** — No caso de dissolução, o património social poderá ser adjudicado a um ou mais sócios que ofereçam melhor preço e forma de pagamento.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 10 de Julho de 1976.

O Ajudante do Cartório,

(José dos Santos Sil)

(«Maré Viva» - N.º 5 - 23/7/1976)

## «Feirinha» de Espinho

Rua 23 — Frente ao Parque

### Festivais Populares de Variedades

Sábado, 24 às 22 horas

Conjunto de António Mafra

Domingo, 25 às 22 horas

Sr. Feliz e o Sr. Contente

Brevemente: «Show» de Florbela Queiróz

## Empresa Gráfica de Seixezelo

DE

### Cardoso & Valentim, Lda.

APARTADO 13

SEIXEZELO  
ARGONCILHE

## Salsicharia do Mercado

Especializada em carnes fumadas das melhores regiões

JULIA GOMES SOARES (Cadete)

Rua 18 Mercado Municipal (Praça)  
ESPINHO

## Vende-se

Automóvel OPEL 1900/L

130 mil km. — 1.ª mão

Rua 7 n.º 497 — ESPINHO

constituiu-se com o fim de organizar todos os estudantes interessados na luta contra o analfabetismo, promovendo dessa forma a ligação da escola com a sociedade.

O Movimento ALFA pretende também provar ao Povo português que o problema do analfabetismo poderá ser resolvido, desde que o Governo esteja interessado em tomar as medidas para tal necessárias.

Além da alfabetização revestem-se de grande importância a animação cultural e desportiva, a educação sanitária e, sobretudo, o trabalho voluntário, actividades que, sem dúvida, ajudarão

a contribuir para a concretização dos fins acima citados.

O Núcleo de Espinho do Movimento ALFA tem como função mobilizar a população local para a participação e apoio a esta iniciativa.

Pretende este Núcleo levar a cabo, também em Espinho, um curso de alfabetização, a realizar a partir de Setembro se para tal conseguir os apoios necessários.

Desde já informamos a todos os interessados, que o Movimento ALFA, tem instalações situadas na Rua 62, n.º 251 nesta cidade.

# OS TRABALHADORES E A CONSTITUIÇÃO

(Continuação da pág. 4)

ARTIGO 58.º

(Direitos das associações sindicais e contratação colectiva)

1. Compete às associações sindicais defender e promover a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores que representem.

2. Constituem direitos das associações sindicais:

- Participar na elaboração da legislação do trabalho;
- Participar na gestão das instituições de segurança social e outras organizações que visem satisfazer os interesses das classes trabalhadoras;
- Participar no controlo de execução dos planos económico-sociais.

3. Compete às associações sindicais exercer o direito de contratação colectiva.

4. A lei estabelece as regras respeitantes à competência para a celebração das convenções colectivas de trabalho, bem como à eficácia das respectivas normas.

ARTIGO 59.º

(Direito à greve)

- É garantido o direito à greve.
- Compete aos trabalhadores definir o âmbito de interesses a defender através da greve, não podendo a lei limitar esse âmbito.

ARTIGO 60.º

(Proibição do «lock-out»)

É proibido o «lock-out».

ARTIGO 80.º

(Fundamento da organização económico-social)

A organização económico-social da República Portuguesa assenta no desenvolvimento das relações de produção socialista, mediante a apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos, bem como dos recursos naturais, e o exercício do poder democrático das classes trabalhadoras.

ARTIGO 83.º

(Nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974)

1. Todas as nacionalizações efectuadas depois de 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras.

2. As pequenas e médias empresas indirectamente nacionalizadas, fora dos sectores básicos da economia, poderão, a título excepcional, ser integradas no sector privado, desde que os trabalhadores não optem pelo regime de autogestão ou de cooperativa.



# FESTIVAL de ROCK

## Atletas de Esmoriz à procura de fundos

Três da manhã.

Pouca gente, muita música. Quem não teve dinheiro para entrar na Praça de Touros, continua cá fora. A ouvir religiosamente.

O ar fresco e orvalhado sopra um convite sedutor:

«Anda daí, amigo, toma lá um cigarro, irás até muito longe, voarás alto, não hás-de morrer. Vais entrar na onda. Vamos alinhar juntos».

É um original dos Pink Floyd, agora reproduzido por um conjunto português.

A madrugada desafia os mais fracos. Mas poucos são os que desistem. Quem veio, fica até ao fim. Se a música for música.

«Anda daí, amigo...  
Vamos alinhar juntos»

Muitos trouxeram cobertores. Mantas. Farrapos. Quem está cansado adormece ao som da música, abraçado à companheira. O ambiente tem as suas leis, os rituais. Ninguém os diz, mas todos os sabem. É um ar diferente.

Em Woodstock foram «três dias de amor, paz e música». A paz da música, a música do amor. Com um cigarro partilhado. Em amor. Em paz, por entre barulho, plástico e metal.

«Anda daí, amigo...  
não hás-de morrer».

Ficaram muitos cá fora. Outros saltaram o muro. Mas cá fora também se vivia. A música chegava. Nos cantos escuros sentavam-se em grupos. Religiosamente.

Falava-se, cantava-se, cheirava-se o ar. O ar cheio de música. Sim, porque a música é que interessava. Era o festival. Rock.

★

Vistas as coisas «do lado de fora», o panorama é outro. Muita música, muito amor, mas... porquê, para quê, para quem?

O festival. Os festivais que agora se espalham por aí, vendendo bocados de música e prazer a 70\$00, dando lucros enormes e fáceis à organização.

O festival. Quem o faz?

Foi uma surpresa. Afinal, quem organizava o festival não era meia dúzia de oportunistas à procura de dinheiro fácil (como tem acontecido noutros festivais). Eram apenas os atletas de voleibol do Esmoriz Ginásio Clube em mais uma das suas iniciativas para angariação de fundos. Falámos, a propósito, com Manuel Rodrigues Alves, que

# A Criança e as Férias

Chegou o mês de Julho — escolas encerradas. Tempo de férias. A grande maioria das crianças encontra-se nas praias, na piscina. Mas, a grande maioria não significa a totalidade. Quantas crianças não têm praia, piscina, cinema, durante as férias? Quantas têm que trabalhar em casa, ajudando os pais, cuidando dos irmãos mais novos? E mesmo as que podem ir à praia ou à piscina, quantas sentem, ao fim de algum tempo necessidade de novas actividades e passatempos?

Tentando ver como passam as férias e como desejaríamos passá-las «Maré Viva» foi ao encontro das crianças, não só para conhecer, mas também para aprender...

Um grupo de crianças, depois de um jogo de futebol. Tudo rapazes e lá vai a pergunta:

— Que fazem vocês nas férias?

— Jogamos à bola todos os dias e vamos à praia. Às vezes vamos jogar bilhar ao «Nosso Café» ou ao «Moderno». Treinamos voleibol na Académica. Temos três meses de férias e podemos fazer muitas coisas. Outro dia jogámos futebol contra as raparigas e ganhámos por vinte golos...

— Eu também costumo ir ao cinema — disse um rapaz de doze anos. — Vou ver os filmes do «Kung-Fu». E até hei-de ir ver «As Núpcias de Porcelana» — conclui, como se tal fosse um marco importante no seu desejo de afirmação como ser crescido. (Que espécie de crescimento, se construído como «porcelanas» ou com «Kung-Fu»?)

Outras crianças confiaram não ser de Espinho mas passaram grande parte das férias cá:

— Nas férias gosto de ir para a praia, ver cinema, televisão e brincar. Gosto de vir para Espinho passear e viajar de carro. (J. Fernando — 9 anos).

— Nas férias gosto de ir para a praia e para a piscina e de ler. Também brinco com os meus irmãos e primos — (Clara — 9 anos).

E fomos também à praia. Falá-

mos explicou melhor como surgiu tudo isto:

— Como surgiu o festival? Bem, nós temos levado a efeito arraiais, provas de moto-cross, etc., tudo isso para angariar fundos para o clube. Ora tendo assistido a festivais deste género e tendo sabido dos seus bons resultados, resolvemos organizar também um, contando fazer bastante dinheiro que nos permitisse amortizar a dívida do nosso mini-pavilhão. Nada de fins lucrativos pessoais. Temos trabalhado muito, mas só para o clube, para conseguir fundos que possibilitem uma prática desportiva em melhores condições.

E então? Contentes com o resultado?

— Não, longe disso. Viemos cá para angariar fundos e vamos ter um prejuízo de dezenas de contos. Contávamos com cerca de 3.000 espectadores. Afinal, vendemos perto de mil bilhetes (a 70\$00), andando as despesas por mais de 100 contos. Foi um fracasso com que não contávamos.

mos com três miúdos — o Joaquim, o Luís e o Jorge — que nos disseram:

— Viemos para a praia de Espinho passar quinze dias. Jogamos bola, lemos «cowboys» e vamos «apanhar ondas» — dizia o Luís, logo interrompido pelo Jorge — «Eu não gosto de «cowboys». Ando a ler o «Manual do Professor Pardal».

— Nas férias também gosto de jogar futebol e costumo ajudar a minha mãe e estudar para apresentar trabalhos bons à professora. — Era o Joaquim quem falava, acrescentando de repente, como quem se lembra de algo importante: — Olhe: há meninos que não têm férias e eu acho que todos deviam ter para irem para a praia. Um primo meu de doze anos trabalha nas férias. É trolha. Assim não é justo!

Assim não é justo! E se alguém duvida do desabafo do Joaquim, de nove anos, atente no que dizem crianças que não têm férias:

— Tenho pouco tempo livre. O meu pai anda a fazer a casa e eu tenho que ajudar a fazer blocos com a minha mãe. Gostava de ir à praia e ver teatro. (Eurídice — 8 anos).

— Nas férias trabalho em casa a ajudar a minha mãe. Lavo a loiça, limpo-a e varro a cozinha. Nunca fui à piscina, nem à praia, nem ao cinema. Gostava muito de ir. (Manuel — 8 anos — «o pequenino»).

— Gostava de ir para a praia mas tenho que tomar conta dos meus irmãos. Qualquer dia vou para Lisboa mas é para tomar conta dos meus primos e ganhar dinheiro. (Isabel — 10 anos)

— Gostava de ir à praia, mas não posso. A minha mãe é peixeira. Vai vender e eu fico a tomar conta da casa e a lavar a roupa. Tenho que ir longe lavá-la pois o rio aqui está seco. O que eu mais gostava de fazer nas férias era estudar para poder ir para o ciclo mas a minha mãe não me deixou... (M.<sup>a</sup> de Lurdes — 11 anos).

Tendo dito ao que íamos e que trabalhávamos para um jornal, muitos destes miúdos berravam-nos quando íamos embora: «Queremos ver o nosso nome no jornal. Se for preciso vamos vender os jornais. Adeus!»

Adeus! Até sempre! Aqui está o vosso nome, num grito que não fica no anonimato e num direito vosso à expressão e à opinião próprias!



O festival, em si, correu bem?

— Nestas coisas há sempre aqueles problemas que nós conhecemos, a droga, etc. Mas isso não é connosco nem temos culpa. O polícia está aí e, se houver razão para isso, pode actuar.

Já agora, em relação com isto, gostava de fazer uma crítica à Direcção Geral de Desportos: o nosso Clube tem tradições, tem já um óptimo palmarés, e não consegue subsídios para fazer um pavilhão em condições. Enquanto muitas outras terras com menos necessidade têm boas instalações, nós temos um mini-pavilhão custeado por nós, e cujo pagamento nos obriga a estes sacrifícios todos, com os riscos e consequências que acarretam. Se tivéssemos maior apoio, nada disto seria necessário.

Festival rock. Uma história simples. Gente nova a trabalhar para o seu clube desportivo.

Festival rock. Uma festa... onde há sempre muito que contar.

## NASCENTE cineclube

PRÓXIMAS REALIZAÇÕES:  
no salão nobre do Nosso Café:

— Dia 30, sexta-feira, às 21,30 horas o filme em 16mm, «RIO SEM REGRESSO» realização de Otto Preminger, com Robert Mitchum e Marilyn Monroe.

Entrada reservada a sócios.  
Admitem-se novos sócios no início da sessão.

— Dia 31, sábado, às 17,00 horas, sessão de cinema para crianças.